O PAPEL DO PROFESSOR NA MEDIAÇÃO DA LEITURA

RAFAEL GOMES FELIX DA SILVA

RESUMO

O professor é também mediador de leitura do mundo, ao oferecer aos alunos a oportunidade de explorar a realidade circundante, seja dos colegas, da escola, do bairro, do país ou do mundo em que vive. Essa leitura não pode ser meramente redundante, mas deve destrinchar os ocultos e fazer refletir sobre o aparente. Neste contexto, o presente trabalho tem por objetivo geral: investigar e ter clareza de que as atividades envolvendo a contação de história ainda que imaginárias e prazerosas sejam um diferencial em relação ao aprendizado do educando. Os objetivos específicos são apontar a importância da leitura para o desenvolvimento infantil; descrever sobre a contação de história e o educando no âmbito educacional; detalhar os obstáculos que os educadores encontram ao realizar a leitura no cotidiano escolar. Metodologicamente, este trabalho tomou os rumos de uma pesquisa bibliográfica. Chegou-se à conclusão por meio dos achados que a relação professor-aluno está intrinsecamente ligada à motivação do aluno no processo de leitura.

Palavras-chave: Contação de história; Desenvolvimento infantil; Leitura; Professor.

INTRODUÇÃO

A leitura nos dias atuais no âmbito educacional está ausente e, mediante a dificuldade na qual se tem em fazer com que o educando tenha o hábito de leitura em casa e na escola à atividade envolvendo a literatura de história trará no educando a vontade de ler e reler histórias que lhe dá prazer. Atualmente há uma pressão da sociedade em referência onde os educandos aprendam cada vez mais cedo os conteúdos pedagógicos, com isso a diversão quanto à prática da leitura não tem encontrado espaço na escola como deveria. Quais as dificuldades ou entraves enfrentados pelos educadores no desenvolvimento de atividades envolvendo a contação de história na Educação Infantil?

A prática de narrar histórias e uma das tantas formas empregadas pelo educador em seu trabalho com a leitura na classe escolar e, é muito comum essa prática na Educação Infantil, onde os educandos ainda não dominam a tecnologia da escrita, apenas são capazes de ler a linguagem oral, imagens, gestos e o que está em seu entorno, porém, no decorrer da escolarização posterior, essa prática raramente ocorre e deixa a desejar.

Esta proposta seria repensar o ensino de leitura, a partir deste tipo de gênero, e assim, apresentar algumas sugestões metodológicas para educadores, visando ao desenvolvimento do educando no processo do aprendizado e do conhecimento, contribuindo para uma educação de qualidade.

A leitura é a aula mais importante, pois a sua prática no âmbito da classe escolar contribuirá e muito para a formação do futuro cidadão, devendo ser praticada intensamente a fim de que possa fazer sentido para o aluno. Como se trata de uma prática social complexa, e se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem; deve-se utilizar de mecanismos que auxiliem o educador na formação de uma geração de leitores, daí a relevância das histórias nesse processo de despertar no pequeno leitor a fruição pela leitura.

O objetivo geral investigar e ter clareza de que as atividades envolvendo a contação de história ainda que imaginárias e prazerosas sejam um diferencial em relação ao aprendizado do educando. Os objetivos específicos são apontar a importância da leitura para o desenvolvimento infantil; descrever sobre a contação de história e o educando no âmbito educacional; detalhar os obstáculos que os educadores encontram ao realizar a leitura no cotidiano escolar.

A relevância desse tema se justifica em razão do educando no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, quanto mais se constrói o conhecimento com a leitura, mais o educando aprende de maneira fácil, prazerosa e divertida, sem traumas ou cobranças. O trabalho a ser desenvolvido com os educandos na Educação Infantil deve ter como foco fundamental o ato da contação de histórias e do realizar as práticas educacionais diárias. O educador então precisa ter criatividade e sensibilidade suficientes para perceber as dificuldades, medos, interesses e desinteresses para poder trabalhar com a contação de histórias de maneira que o educando não se sinta prejudicado em seu desenvolvimento, as atividades disponibilizadas para os educandos precisam ser planejadas.

Um dos aspectos mais importantes na aprendizagem é a verificação dos níveis de utilização dos conteúdos, contar com as histórias, contos e fábulas referentes onde o educando interaja harmonicamente com o conhecimento. Lidar com a contação de histórias parte-se das ações pedagógicas do educador e, deve valorizar as histórias infantis, a música e a poesia. Este 'estado imaginário', o de contar histórias é incentivar a criatividade, autoconfiança, autonomia e curiosidade garantem uma maturidade ímpar e peculiar na aquisição e construção dos novos conhecimentos.

DESENVOLVIMENTO

A AFETIVIDADE ENTRE PROFESSORES E ALUNOS

Em uma sociedade onde somos influenciados uns pelos outros em nossas relações interpessoais e intrapessoais (QUERIDO, 2007). Portanto, a afetividade faz parte dessas relações entre indivíduos, nesse sentido a teoria Walloniana, segundo Mahoney citado por Querido sinaliza que:

"[...] o conjunto afetivo oferece as funções responsáveis pelas emoções, pelos sentimentos e pela paixão, que são os sinalizadores de como o ser humano é afetado pelo mundo interno e externo" (QUERIDO, 2007, p. 37).

Para uma melhor compreensão do tema abordado precisamos compreender primeiro o que é afetividade, como destacado por Queiroz afetividade pode ser considerada uma forma de relacionar determinadas ações ou emoções, a mesma pode ser comparada com uma demonstração prática das emoções guardadas seja por uma pessoa ou algo.

Uma parte integrante da relação entre professores e alunos está voltada para afetividade, uma vez que a mesma pode ser determinante para uma boa relação entre ambos. Diante dos últimos acontecimentos pode-se considerar que tanto alunos como professores têm perdido tal afetividade um pelo outro, sendo muitas vezes considerados inimigos dentro do ambiente escolar ou mesmo fora. Com o passar do tempo a relação respeitosa e amigável entre professores e alunos acabou se perdendo, o respeito pode ser considerado algo fundamental para que tal relação seja novamente estabelecida.

A RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO COMO UMA FORMA DE MELHORIA NO ENSINO

Alguns estudiosos consideram que uma das partes fundamentais para o ensino é a relação estabelecida entre professor e aluno, quando ambos interagem de forma positiva o desenvolvimento educacional ocorre sem nenhum comprometimento. Uma boa relação entre professor e aluno melhora não somente o desempenho do aluno dentro da sala de aula, mas pode colaborar para que o mesmo venha a desempenhar o aprendizado fora do ambiente escolar se levar em consideração que a maioria dos professores são pessoas mais velhas que os alunos.

O processo ensino-aprendizagem sofre influências dos participantes da relação professor-aluno, pois nessa dinâmica relacional é preciso considerar a complexidade entre o pessoal e o social, só compreendidos no contexto de influências que surgem em cada experiência intersubjetiva (TUNES, TACCA e JUNIOR, 2005).

Para que seja desenvolvida uma boa relação no ambiente escolar os professores precisam ganhar a confiança dos alunos, assim como demonstrar aos mesmos que estão ali para colaborar com o seu desenvolvimento educacional e social. Uma vez que os alunos adquirem confiança a relação acaba ocorrendo naturalmente, vale destacar que na maior parte os conflitos entre professores e

alunos acaba ocorrendo durante o ensino fundamental e médio, uma vez que os alunos estão passando pela fase da adolescência onde o professor passa a ser visto como uma pessoa designada a colocar limites.

O rompimento da relação entre professores e alunos pode ser observado com o crescimento da violência dentre das escolas, muitas vezes os professores ou educadores são os principais alvos dos alunos quando ocorrem atos violentos. Na maioria dos casos isso ocorre porque os alunos observam os mesmos como pessoas contrárias ao seu desenvolvimento, ou mesmo como pessoas que querem limitar seu espaço. Dessa forma pode-se perceber que uma boa relação entre professores e alunos pode colaborar positivamente para que os alunos se sintam menos coagidos ou minimizados.

A RELAÇÃO ENTRE FAMILIA E ESCOLA

Pode-se considerar que uma das bases fundamentais para que a educação venha a ser desenvolvida de forma eficiente atualmente está ligada a relação estabelecida entre as famílias e a escola. Essa relação ao longo dos anos vem sendo trabalhada de uma forma que ambas as partes desempenhem o seu papel da melhor forma possível no que se refere ao desenvolvimento educativo das crianças.

A família é fundamental na vida dos filhos, contudo, de acordo com Froebel (2001 apud ARAÚJO, 2010), atualmente o processo de educar os filhos enfrenta dificuldades relativas à disponibilidade de tempo dos pais para o acompanhamento das demandas da criança. A família, muitas vezes, na busca sobrevivência, tem os pais submetidos a jornadas de trabalho extenuantes, o que diminui o contato com os filhos e dificulta o acompanhamento atendimento das expectativas da escola e a participação na vida escolar das crianças.

PRADO (1981) destaca que a família não é um simples fenômeno natural, mas pelo contrário, é uma instituição social que varia no tempo e apresenta formas e finalidades diferentes dependendo do grupo social em que esteja. A família acaba dessa forma se tornando um dos principais formadores

sociais, sendo dessa forma refletido na criança e sua forma de aprendizagem todos os quesitos sentidos ou transmitidos pelos seus responsáveis.

A escola tem a responsabilidade no que se refere a educação formal das crianças, sendo a mesma responsável por todos os procedimentos e processos que envolvem conhecimentos teóricos de determinadas materiais necessários aos alunos. Pode-se considerar de responsabilidade das escolas também apresentar as crianças os limites que todos têm que respeitar quando passam a viver em sociedade.

Por meio de uma boa relação entre família e escola pode ser fundamentada uma boa relação com os alunos, em alguns casos os pais são peças importantes para que os professores se aproximem dos alunos. A relação entre escola e família deve ser novamente estabelecida, podendo ser trabalhada de forma a contribuir não somente para o desenvolvimento educacional do aluno mais também como um parâmetro de boa relação entre alunos e professores. Vale destacar que todas as relações destacadas dependem principalmente do comportamento do professor, uma vez que o mesmo terá a responsabilidade de promover a educação dos alunos, contribuindo positivamente para sua composição como cidadão.

Com isso pode-se ver a importância da participação das famílias na educação, essa participação pode ser fundamental para o desenvolvimento dos alunos, dando uma maior estabilidade aos alunos e as práticas educativas aplicadas pelas escolas, outra coisa é como a relação dos alunos e professores pode ser considerada fundamental para um bom desempenho educacional, sendo essa relação também considerada uma base para que os alunos desenvolvam certas práticas sociais.

Alguns estudiosos consideram que a relação estabelecida entre professor e aluno, assim como escola e família pode ser importante para um bom desenvolvimento educacional. Quando tanto a família como o aluno cria uma boa relação com os educadores a prática educacional se torna mais fácil ou mesmo mais motivada, são inúmeros os casos de professores que motivam e

impulsionam os alunos por meio dos seus métodos a um crescimento educacional.

Diante das leituras para realizar o trabalho se torna visível que a educação assim como os procedimentos educativos deve buscar novas formas de atuação e restabelecer as relações entre professores e alunos. Todo o desenvolvimento educacional parte dessa relação e das suas variáveis, uma vez que o professor consegue motivar, impulsionar, cativar os alunos pode-se considerar que os mesmos acabaram se sentindo mais à vontade para realizar os procedimentos educativos que lhes forem propostos.

PRÁTICA PEDAGÓGICA EM DIVERSAS FASES DE TRABALHO

Se centrarmos um olhar na história da prática docente ou pedagógica, e compararmos o professor de um tempo atrás com o professor de hoje, percebe-se que ocorreu uma transformação significativa quanto à valorização de sua profissão, bem como a mudança de atuação. Antes bem mais valorizado, no sentido da profissão ser mais respeitada perante a sociedade, ao contrário do que se percebe atualmente. Nesta perspectiva, aborda-se a construção da própria imagem e prática, entre construções e desconstruções através das próprias vivências, como evidência Arroyo (2011.p.23), ao afirmar que através da convivência, da prática do professor da qual é encarada de várias formas, este profissional percebe sua responsabilidade no processo de formação do educando.

Ao falar disso, no livro 'Ofício de Mestre' de Miguel Gonzales Arroyo (2011), pode-se entender que, o professor também é uma construção social e cultural, um sujeito que possui características resultantes de experiências da vida que possui. Atenta-se agora para o fato de que em sua prática pedagógica, o professor soma ao conhecimento científico marcas de sua subjetividade que são próprias de concepções contemporâneas.

Nesse sentido, Freire (1996, p. 27-28) coloca que a práxis se dá com educadores (as) criativos (as), instigadores (as), inquietos (as), curiosos (as), humildes e persistentes, que pensam criticamente a própria prática com uma rigorosidade coerente, que demanda profundidade na compreensão e na interpretação dos fatos, ou seja, traz em sua ação rigorosidade e coerência entre o pensar o fazer. Pensar assim é, para Freire (1996.p.11), "pensar certo" e o autor completa: "pensa certo quem, às vezes, pensa errado [...] e uma das condições necessárias para pensar certo é não estarmos demasiadamente certos de nossas certezas".

Por conta disso, hoje em dia, os professores atuam em um ambiente marcado pelo surgimento de novas metodologias e novos recursos essenciais que exigem práticas diferenciadas para desenvolver a motivação dos alunos para a aprendizagem, porém o profissional docente vem enfrentando problemas, já que não existe uma formação que prepare o professor para trabalhar com todas essas mudanças. Além disso, a prática deste com seus alunos no convívio em sala de aula, é mais um dos fatores que interferem no exercício de sua profissão, pois muitos não trabalham contextualizando os conteúdos na prática muitas vezes por não se acharem preparados.

Diante desses contratempos, o pro-

fessor para produzir conhecimento deve articular o saber científico ao saber do senso comum, ou seja, pode buscar o lugar que lhe pertence dentro da sociedade, reafirmando a importância de sua ação, que pode ser traduzida como o domínio do ofício de saber-fazer, saber planejar, saber-intervir e saber-educar para que assim sua prática se torne condizente como saber que precisa repassar aos alunos.

Considerando tais questões, Tardif e Lessard (2011.p.78) fazem uma análise da questão, colocando que a atividade social de instruir atividade deve ser exercida pelo professor. Segundo eles, há aproximadamente 400 anos, essa atividade de cunho social vem se caracterizando, paulatinamente, em um contexto integrante da cultura da era moderna, influenciando decididamente na economia e sobre muitos outros aspectos da vida em sociedade, principalmente as urbanas, que estão interligadas entre si através de redes de contatos simultâneos. Nessas coletividades são impensáveis os que se encontram em 'desequilíbrio' em sua própria profissão docente.

Nisso, entende-se que o ofício de professor surgiu bem antes das primeiras instituições educacionais, e por isso sua função era de repassar aquilo que era considerado importante, para que o ser humano produzisse as mais variadas maneiras de se relacionar com o mundo que o cerca. Percebe-se então, que a educação sofreu mudanças desde a Antiguidade até os dias atuais e hoje os professores precisam acompanhar e implementar essas mudanças nos espaços escolares para que suas práticas respondam aos anseios dos alunos.

Diante desse entendimento, Nóvoa (2008, p. 15-16) explica que a prática docente antes não era especializada, era tida como uma ocupação secundária.

Assim ele nos fala:

A função docente desenvolveu-se de forma subsidiária e não especializada, constituindo uma ocupação secundária de religiosos ou leigos das mais diversas origens. A gênese da profissão de professor tem lugar no seio de algumas congregações religiosas, que se transformaram em verdadeiras congregações docentes. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, os jesuítas e os oratorianos, por exemplo, foram progressivamente configurando um corpo de saberes e de técnicas e um conjunto de normas e de valores específicos da profissão docente (NÓVOA ,2008, p. 15-16).

Nesse sentido, muitas mudanças ocasionadas pela globalização, consumo e comunicação, marcada pelo fácil acesso a informação e em decorrência disso, o professor não é mais o único que detém todo o saber, deixou de ser o centro de tudo e passou a ser um mero mediador de certos conhecimentos, e nisso muitas coisas se perdem no processo, como uma prática mais dinâmica, motivadora e condizente com a realidade do aluno.

É importante destacar que no século XIX a criação das Escolas Normais promoveu a formação de professores com conhecimentos pedagógicos e

ideologia comum. Segundo Nóvoa (2008, p.18) diz:

As instituições de formação ocupam um lugar central na produção e reprodução do corpo de saberes e do sistema de normas da profissão docente, desempenhando um papel crucial na elaboração dos conhecimentos pedagógicos e de uma ideologia comum.

Com isso, verifica-se que quanto ao trabalho docente, houve aumento de exigências, mas os cursos de formação, não acompanharam essas mudanças e continuaram formando professores do Ensino Básicos nos velhos modelos normativos, acrescentando apenas as descobertas da psicologia da aprendizagem, e professores do mesmo ensino como investigadores especializados. Ao que se entende, ocorreram verdadeiros "choques com a realidade", ao passarem desacordos, como coloca Nóvoa (2008, p. 100):

Sem preparação adequada, da investigação sobre química inorgânica, ou da sua tese de licenciatura sobre um tema altamente especializado, para a prática de ensinar a quarenta crianças de um bairro degradado os conhecimentos mais elementares da química ou da filosofia.

Para o autor, o professor enfrenta a necessidade de integrar no seu trabalho o potencial informativo destas novas fontes, modificando o seu papel tradicional. Assim, a escolarização plena da população infantil, segundo o autor acima também contribui como elemento de transformação do sistema escolar na medida em que trouxe uma nova realidade para a escola: a integração de crianças com diferentes valores culturais em uma mesma turma.

Ao enunciar a questão da remuneração do professor, Bueno (2010.p.78) evidencia que os baixos salários, a precariedade das condições de trabalho, a insatisfação e o desprestígio profissional estão entre os fatores que promovem o desencanto com a profissão e, em muitos casos, ocasionam o abandono do magistério num processo lento e sofrido para todos os envolvidos. Constatações desta natureza integram um cenário de preocupações com a saúde física, mental e emocional dos professores, bem como com as suas interferências no processo ensino-aprendizagem dos alunos, pois compreendemos que a satisfação e a motivação no trabalho têm consequências diretas na produtividade e na qualidade do mesmo. Atualmente o progresso científico acelerado provoca transformações que demandam al-

terações de conteúdos curriculares e geram receios e insegurança nos professores perante as mudanças. Nóvoa (2008, p.106):

Quem pode estar seguro, hoje, de ensinar aquilo que é mais recente em matéria de conhecimento. Ou, pior ainda, quem pode estar seguro de que aquilo que ensina não será substituído por conhecimentos mais úteis aos alunos que estamos a tentar preparar para uma sociedade que ainda não existe.

O aumento de exigências e responsabilidades atribuídas ao professor com a massificação do ensino não foi acompanhada por maiores investimentos financeiros e a escassez de recursos materiais e as deficientes condições de trabalho dificultam a docência. As interações entre a pessoa humana e a natureza, assim como as que se realizam entre as pessoas umas com as outras mediatizadas pela natureza através da cultura não são somente sociais.

Elas são socialmente históricas, e devido a uma dupla razão. Por isso Brandão (2007, p. 10) coloca:

Primeira: porque elas se constroem no interior do processo da história. Segunda: porque elas constroem a própria história, que não é outra coisa mais do que o trabalho humano destinado a criar e significar as diferentes dimensões de uma cultura, dentro e através da qual comunidades humanas habitam o seu mundo.

Por esse direcionamento, o professor do século XXI deve possuir conhecimentos teóricos além das disciplinas a que se propõe ministrar e uma gama diversificada de práticas de ensino. Ser professor no século XXI é desenvolver os conteúdos de modo contextualizado, globalizado e diversificado o suficiente para envolver os alunos num projeto de ensino aprendizagem capaz de despertar interesse e motivação. Ser professor no século XXI é desenvolver práticas de ensino que atendam à diversidade dos processos de aprendizagem dos alunos contemplando às necessidades individuais num trabalho coletivo de construção de conhecimento.

A própria Lei de Diretrizes e Bases - LDB (Lei 9394/96), em vários artigos, remete o trabalho docente como uma prática mais coletiva, flexível e transversal, exigindo, assim, cada vez mais trabalho por parte das comunidades escolares e, sobretudo, do professor.

Percebe-se assim, que a própria lei direciona um trabalho com uma prática diferenciada que de conta dos tempos contemporâneos.

Tais reflexões nos levam a essa análise, pois entende-se que o trabalho docente deve ser uma construção coletiva para melhorar a qualidade da educação e adaptá-la melhor as especificidades dos alunos.

Assim como a história da humanidade é uma construção que se faz dia após dia, o professor enquanto profissional também é uma construção que se modifica a todo o momento. Ele constrói e reconstrói sua prática pedagógica a partir da necessidade de seus alunos, e isso lhe confere maior compreensão de sua função enquanto professor.

As discussões relacionadas à formação profissional docente, em sua maioria, apresentam um quadro significativo para as especificidades voltadas à formação inicial, considerando o conhecimento que vem sendo construído e elaborado historicamente, como fator primário de qualquer formação humana e, nesse caso, no âmbito das instituições de ensino superior – IES.

A profissão docente no mundo contemporâneo tem exigido, não somente pela própria demanda de trabalho e desafios, como também exigência dos organismos internacionais como Banco Mundial e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que o profissional saiba lidar com todo tipo de sujeito, diversidade cultural, dentre outros aspectos. Isso exige cada vez mais, um redimensionamento das funções do profissional docente, tanto na escola quanto na sociedade, cuja compreensão das identidades docentes pode contribuir para a atuação profissional do professor.

A prática docente é reconhecidamente um processo reflexivo que abrange as experiências que emanam do cotidiano da sala de aula e das reflexões que são produzidas por outros docentes. Este processo engloba, portanto, o saber prático e o saber teórico.

CONCLUSÃO

Como observado ao longo do trabalho a relação estabelecida entre professores e alunos podem ser determinantes para a motivação, assim como um incentivo a aprendizagem, uma vez que por meio dos métodos ou procedimentos realizados pelos professores os alunos podem se sentir impulsionados a aprender tanto conteúdos educacionais como sociais.

Na visão de muitos especialistas a relação dentro da sala de aula pode ser algo muito positivo quanto a compreensão de problemas relacionados a aprendizagem, assim como uma forma de estabelecer rotinas positivas para o progresso educativo dos alunos junto as escolas.

Dentro da rotina escolar a motivação surge como um instrumento que incentiva ou impulsiona os estudantes na busca por conhecimento, assim como os profissionais de educação no desenvolvimento de suas atividades. Ao longo dos anos estudos ressaltam que a motivação acabou sendo impactada dentro do mundo educativo, uma vez que se

tornou muito difícil promover as atividades, ou mesmo o incentivo para a constituição de novos profissionais da área e assim alcançar os estudantes de uma forma positiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, G. B. M. Família e Escola: parceria necessária na educação infantil. 2010. 20 f. Artigo (Especialização em Educação Infantil) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2010.

ARROYO, Miguel Gonzales. Ofício de mestre. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BUENO, Elizangela. Jogos e Brincadeiras na educação infantil: ensinando de forma lúdica. Londrina – PR, 2010.

ENGUITA, M. A Face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NÓVOA, António. Profissão Professor. Porto, Portugal: Porto Editora, 2008.

PRADO, Danda. O que é família. São Paulo: Brasiliense, 1981.

QUERIDO, Aparecida de Fátima Ferraz. Afetividade e Formação em Educação

Física: um estudo com professores formadores. 2007. 135 f. Dissertação

(Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, Programa de PósGraduação em Educação, São Paulo.

TARDIF, M; LESSARD, C. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria C. V. R.; JUNIOR, Roberto dos Santos B. O professor e o ato de ensinar. Cadernos de pesquisa, v. 35, n. 126, p. 689-698, set./dez. 2005.